

## A VONTADE COMO PRINCÍPIO DO SOFRIMENTO EM SCHOPENHAUER <sup>1\*</sup>

Milena Arantes Rosa e Souza

### RESUMO:

A da influência das doutrinas platônica e kantiana na filosofia schopenhaueriana é notável, assim como o distanciamento que Arthur Schopenhauer estabelece em relação à tradição filosófica ao atribuir o inédito primor do querer irracional em face ao conceituado *princípio de razão*. Além da argumentação desenvolvida em seu sistema filosófico sobre os estudos empreendidos para desvendar “o quê” subjaz às representações do mundo cognoscível; que será denominado Vontade. Destarte, este artigo ambiciona apurar a relação do mundo enquanto representação e Vontade, e evidenciar a forma como esse princípio ao objetivar-se sob a perspectiva corpórea guia os movimentos e ações do corpo direcionando-os a satisfação de desejos, a qual proporcionará um ciclo incessante de querer e sofrimento para alcançá-los. É pretendido demonstrar que o sistema filosófico schopenhaueriano é complexo e intrinsecamente interligado, tal como o mundo, as representações, o corpo, a vontade particular, a Vontade e a contemplação estética o são, ou seja, intimamente relacionados.

**Palavras-chave:** Vontade. Representação. Vontade individual. Sofrimento. Contemplação Estética.

### ABSTRACT:

The influence of Platonic and Kantian doctrines in Schopenhauerian philosophy is notable, as well as the distancing that Arthur Schopenhauer establishes in relation to the philosophical tradition by attributing the unprecedented excellence of irrational desire in the face of the renowned principle of reason. In addition to the argumentation developed in his philosophical system regarding the studies undertaken to unveil "what" underlies the representations of the knowable world; which will be denominated Will. Thus, this scientific article aims to investigate the relationship between the world as representation and Will, and to highlight how this principle, by objectifying itself from a corporeal perspective, guides the movements and actions of the body directed towards the satisfaction of desires, which will provide an incessant cycle of wants and suffering to attain them. It is intended to demonstrate that the Schopenhauerian philosophical system is complex and intrinsically interconnected, much like the world, representations, the body, particular will, the essential Will, and aesthetic contemplation are, that is, intimately related.

**Keywords:** Will. Representation. Individual Will. Suffering. Aesthetic Contemplation.

---

<sup>1\*</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do diploma de licenciatura em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. *Fabricio Santiago Almeida*

## INTRODUÇÃO

No momento em que a obra de Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e como representação* foi publicada em 1818/1859 a filosofia Idealista Alemã, da qual Schopenhauer elabora duras críticas ao longo do desenvolvimento de seu sistema filosófico, encontrava-se em apogeu. Desse modo, o filósofo precursor do irracional como o princípio do mundo sobre o *princípio de razão* kantiano não foi reconhecido aos olhos do público, sendo assim, mais de duzentos anos se passaram desde a publicação da obra magna, logo, uma nova sociedade com novos indivíduos, pensamentos e conceitos emergiu propiciando um olhar e aceite renovado à metafísica do irracional, tanto à natureza irracional de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling, quanto ao irracional como princípio do mundo para Schopenhauer, cujo diferença entre os dois pensamentos encontra-se no fato de que para Schelling o querer sendo “o quê” originário jamais foi compreendido como princípio puramente irracional do mundo. Contudo, é possível relacionar a presente sociedade à época vivida pelo filósofo, uma vez que o Idealismo Alemão continua expressamente propagado e evidenciado em aulas e pesquisas, enquanto a Filosofia da Vontade e a primazia pelo irracional são vagamente conhecidas e estudadas nas Universidades.

A elaboração de artigos e pesquisas que objetivam discutir a questão da Vontade em Schopenhauer é justificada pela primazia e entronização na realidade, entretanto, a tendência da humanidade de possuir apreço pela razão — pois a capacidade racional é característica inerente que a diferencia dos demais animais e confere, em certa medida, a crença do homem deter poder diante a natureza — evita a compreensão ou considera inferiores os sistemas filosóficos que tratam do irracional, do impulsos e das vontades considerando-os absurdos e opostos a ideias da prevalência da razão e do homem como centro primordial do conhecimento e da verdade. Sob esse viés, pela inédita primazia de atribuir o irracional frente ao intelecto, urge o estudo sobre a relevante filosofia de Schopenhauer, pois ela proporcionou a abertura de novos horizontes para filosofias que derivadas e inspiradas, tais como a filosofia do impulso de Friedrich Nietzsche e a psicanálise de Sigmund Freud, mas não é lembrada como essas.

Como observado na sociedade, o sofrimento humano é visto em demasia, estando presente continuamente na vida dos indivíduos à medida que são seres desejantes movidos por interesses e vontades, os quais buscam desesperadamente sempre o melhor para si, se tornam seres explicitamente sofredores presos no ciclo para saciar desejos e necessidades para uma vida melhor, nunca estando satisfeitos. Compreendida essa perspectiva do sofrimento e da

vontade estarem inseridos nas experiências humanas, é objetivado o entendimento através da visão schopenhaueriana desse ciclo para a elucidação do porquê o mundo é sofrimento.

A seleção do tema é impulsionada pela singularidade da abordagem do filósofo, ao conferir excelência sem precedentes ao querer irracional e descrever realisticamente o indivíduo como alma que deseja e sofre, no sentido de possuir uma essência interior intrinsecamente ligada ao sofrimento.

Assim, a incursão para o entendimento do sofrimento desdobrado a partir da Vontade é entendida a partir do mundo visto como representação pelo sujeito que o intui através dos sentidos e compreendido pela razão, adentrando na visualização do corpo como concretude do querer e sofrimento advindos da Vontade.

## **1. A VONTADE COMO PRINCÍPIO DO SOFRIMENTO EM SCHOPENHAUER**

É contundente afirmar que Schopenhauer esteve inserido em uma época fortemente influenciada pela corrente filosófica direcionada à valorização excessiva da razão e da consciência como caminhos para a edificação da realidade e compreensão do mundo, nomeada, portanto, Idealismo Alemão. Devemos destacar os filósofos prestigiados da mencionada corrente, os quais suas obras e pensamentos faziam-se conhecidos e aparentes aos olhos do grande público, como o filósofo de Königsberg, Immanuel Kant, com sua elaborada distinção entre fenômeno e *coisa-em-si*; Johann Fichte, sobre a doutrina da ciência; Friedrich Schelling com a filosofia identitária e, doravante, Georg Wilhelm Friedrich Hegel ao tratar do espírito do mundo (*Geist*). De tal modo, a ser Kant o precursor do Idealismo Alemão, todos os demais filósofos contemporâneos citados compartilharam de um determinado aspecto em comum, a saber, a compreensão da realidade a partir da mente humana e da razão — ainda que cada um desenvolvesse de acordo com a sua própria abordagem filosófica e tenha tentado completar ou superar aspectos da filosofia kantiana.

Dada luz à “Revolução Copernicana” ao argumentar sobre os papéis dos juízos sintéticos e analíticos na filosofia transcendental, exposta em sua obra *Crítica da Razão Pura* (1781), Kant defende que justamente pelas filosofias anteriores, a princípio, racionalismo e empirismo, não terem respeitado as fronteiras cognitivas da experiência e da intuição findaram por desaguar em problemas e ilusões metafísicas na tentativa de provar a existência de objetos e totalidades que não são dados na experiência. Logo, propõe em sua doutrina o aceite, ainda que não integral, aos juízos já elaborados pelas correntes anteriores, buscando superar as divergências encontradas entre elas.

Assim, Schopenhauer age de modo semelhante ao acolher em partes o pensamento kantiano, mas ao contrariá-lo em diversos aspectos, sobretudo, ao tratar da questão relacionada ao acesso ao *em-si*. Visto que Schopenhauer aceita a propositura dualística kantiana de fenômeno e *coisa-em-si* — em termos schopenhauerianos; representação e Vontade — assim como o núcleo da filosofia transcendental kantiana, relacionada às categorias tempo, espaço e causalidade como condições de conhecimento no mundo representativo. Contudo, contrapõe-se a Kant em se tratando da perspectiva de sermos seres aprisionados ao mundo das representações, acorrentados diariamente a uma vida falsa e de enganos proporcionada pela consciência empírica, sendo que Kant não demonstrou reduzir o mundo fenomênico a uma vida falsa meramente de aparências em detrimento do não alcance da essência, ao contrário de Schopenhauer que acredita ser, o mundo representativo sob a luz da razão, uma realidade turva e ilusória. Assim, considera a *coisa-em-si* degenerada nas mãos de Kant na medida em que o filósofo de Königsberg contenta-se com um mundo ilusório que não permite o conhecimento do essencial além do campo cognoscível.

Dessa forma, apesar da mente e do raciocínio humano serem vistos com superioridade em detrimento dos sentidos e formulações abstratas do conhecimento, Schopenhauer caminha no sentido oposto ao percorrido pelos filósofos idealistas desde a escrita da tese de doutorado *Sobre a quádruplice raiz do princípio de razão suficiente* (1813) onde explica metodicamente as quatro acepções do princípio de razão. O início da filosofia schopenhaueriana é fortemente marcado pelas críticas que lançara a este princípio, o qual, do ponto de vista histórico-filosófico, é visto como um princípio fundamental para a compreensão da realidade, extremamente valorizado para a construção do conhecimento filosófico, nada escapando a ele; o qual o filósofo pretende desmistificar ao escrever a obra magna *O mundo como vontade e como representação* (1818/1859).

Sob esse viés, no manuscrito do apêndice intitulado *Crítica da Filosofia Kantiana* (1818), após tecer breves elogios e considerações a Kant, Schopenhauer detém a visão de que a doutrina kantiana em sua verdadeira acepção e profundidade só se tornará plenamente compreendida e evidente ao longo do tempo, sendo a época em que eles se encontravam incapaz de proporcionar o merecido impacto e importância que ela efetivamente merecia ao ser elaborada pelo filósofo de Königsberg. Em sequência, Schopenhauer julga os êxitos e infortúnios do filósofo em relação à sua iniciativa de estabelecer a distinção entre fenômeno — objeto apresentado no campo empírico — e *coisa-em-si* — realidade última das representações.

Assim também, só através do tempo se tornará manifesta toda a força e a importância da doutrina de Kant, quando, algum dia, o próprio espírito do tempo, aos poucos reformado pelo influxo daquela doutrina, e transformado no mais importante e no mais íntimo, dê testemunho vivo do poder daquele espírito gigante. [...] Ademais, as obras de Kant não precisam de meu fraco discurso em seu louvor, mas elas mesmas louvarão eternamente seu mestre e, mesmo que talvez não vivam em letra, com certeza viverão para sempre em espírito sobre a face da Terra (SCHOPENHAUER, 2015, p. 482).

É evidente que Schopenhauer demonstra apreço por Kant, por contribuir com a evolução da filosofia e a possibilidade de retorno a grandiosa filosofia platônica. Haja vista, ao comentar no livro terceiro sobre ambas as doutrinas, platônica e kantiana, é perceptível o entendimento schopenhaueriano em relação à significação dessas obras, assim como o seu descontentamento com as consideradas más-reflexões realizadas em torno dessas filosofias, as quais considera culminantes para o retrocesso filosófico.

Em primeiro lugar, Schopenhauer postula, em sua análise filosófica, a equivalência entre a essência subjacente de ambas as doutrinas, ou seja, entende que elas objetivam o mesmo fim. Compreende as abordagens e demais proposituras como intimamente similares, embora cada filosofia apresente singularidades durante o percurso desenvolvido para chegar à explicação do determinado alvo, em ambas as formulações, o *em-si*. Logo, o filósofo as observa como idênticas, pois almejam o mesmo fim, em outras palavras, a justa significação pura das doutrinas, o alvo de ambas é exatamente o mesmo.

Sob esse entendimento, isso ocorre por Schopenhauer defende ser evidente e prescindível de comprovações o fato de valerem-se de uma mesma essência, uma vez que as duas doutrinas compartilham a visão dualística entre mundo fenomênico de representações apreendidos pelas experiências empíricas e o que está posto fora do alcance sensível; o *em-si*, essência indecifrável preenchedora do mundo visível, posta a realidade percebida empiricamente como submersa por um vazio, ausente de significação real em si mesma, necessitando do empréstimo de significações atribuídas por algo superior.

Em segundo lugar, dada as considerações sobre como as doutrinas de Platão e Kant convergem, no sentido de debaterem sobre a existência de um ideal que está para além do mundo. É notável a indignação do filósofo sobre o que ele considera: equivocadas interpretações fomentadas sobre a visão platônica e kantiana. Visto que, devido a escassez de seriedade e fidelidade que outros filósofos tiveram ao interpretar os conteúdos expostos pelos grandes mestres, houve a imensa demora e o retrocesso vergonhoso na compreensão dessas filosofias, acentuadas — de forma equivocada — como divergentes, ocasionando demora para a descoberta de quanto os dois sábios concordam entre si e como o alvo das doutrinas é essencialmente o mesmo. Assim, evitados os inadequados entendimentos sobre as duas

importantes doutrinas, o século XIX, segundo Schopenhauer, não teria sido inaugurado por farsas filosóficas como o foi. Desse modo, na seguinte passagem é explícito o descontentamento e desprezo que Schopenhauer detém pelas proposituras, interpretações e críticas errôneas direcionadas às doutrinas.

Se alguma vez se tivesse realmente compreendido e apreendido a doutrina de Kant e, desde o seu tempo, a de Platão; caso se tivesse refletido de maneira séria e fiel sobre o conteúdo e o sentido íntimo das doutrinas dos dois grandes mestres, em vez de se ater artificialmente às expressões de um, ou à paródia estilística de outro, não teria havido demora para descobrir o quanto os dois sábios concordam e como a significação pura, o alvo delas, é exatamente o mesmo. Ter-se-ia evitado não apenas comparar constantemente Platão a Leibniz, cujo espírito de modo algum combina com o daquele, ou Platão a um senhor ainda vivo [F.H. Jacobi] numa espécie de troça com o manes do grande pensador antigo, mas, em geral, ter-se-ia ido muito mais longe do que se foi, ou pelo menos não se teria retrocedido tão vergonhosamente como nestes últimos quarenta anos. [...]. Assim teriam sido evitadas as farsas filosóficas que inauguraram o século XIX, o qual se anunciava tão promissor na Alemanha; farsas estas encenadas em torno do túmulo de Kant (algo parecido com os antigos ao fazerem os funerais em torno do túmulo dos seus entes), que dão ensejo a justas zombarias das outras nações, já que semelhantes coisas não combinam com os sérios e até mesmo duros alemães. Mas é tão reduzido o verdadeiro público de um autêntico filósofo que mesmo os discípulos que lhe compreendem só aparecem de séculos em séculos (SCHOPENHAUER, 2015, p. 200 § 31).

Como exposto, tal mentalidade de Schopenhauer nos permite dizer que a construção própria do sistema filosófico da obra *O mundo...* tem como um dos objetivos corrigir as interpretações equivocadas e as confusões perpetuadas ao longo das decorridas décadas, inclusive, inferidas pelos pensadores modernos e contemporâneos em relação à metafísica platônica e ao transcendental kantiano; a fim de purificar e esclarecer os saberes filosóficos para que as deturpações referente às filosofias sejam mitigadas. Dessa forma, a filosofia schopenhaueriana possui influência das Ideias de Platão ao se valer da argumentação da existência de algo *em-si* que se apresenta de forma imutável, una e perfeita constituindo todas as representações do mundo.

Contudo, apesar da filosofia schopenhaueriana usufruir do platonismo, sua crítica centra-se à doutrina de Kant, pois este valoriza a razão e propõe que o *em-si* não pode ser alcançado, porque reconhece limitações ao princípio de razão que o inviabiliza. Assim, apesar de decepcionar-se face à abordagem de Kant sobre a impossibilidade de atingir o *em-si*, o filósofo de Danzig acolhe ideias fundamentais de Kant, como a distinção entre fenômeno — dado como objeto apresentado no campo empírico — e *coisa-em-si*, dada como realidade última das representações; mas almeja superá-lo ao discordar da impossibilidade de alcançar a *coisa-em-si*. Dessa forma, as ideias fundamentais influenciaram fortemente o

desenvolvimento da primeira consideração proposta em *O mundo...* a tratar do mundo como representação submetido ao princípio da razão.

A inicial propositura de Schopenhauer no livro primeiro refere-se ao mundo enquanto observado por um sujeito que intui e o submete ao entendimento, sendo o entendimento abarcado pelas categorias inatas de tempo, espaço e causalidade. O filósofo detém uma compreensão cristalina de que o conhecimento advindo do mundo, o conhecer de seus objetos e relações, de fato, o conhecimento do mundo inteiro, só é captado e conhecido em relação ao indivíduo que o observa.

O sujeito é o sustentáculo primordial para a representação de seu próprio mundo. Dessa forma, o sujeito observador e o objeto representável são postos por Schopenhauer como metades essenciais. É considerada uma relação necessária à medida em que o sujeito está inserido no mundo, enquanto sujeito do conhecer (capta todas as movimentações, percepções e representações do mundo ao seu entorno enquanto concede informações para o aparato cognitivo mental elaborar conceitos racionais). Sendo a relação sujeito-objeto inseparável, pois sem sujeito não há aquele mundo representado, e sem mundo não há o que o sujeito representar, visto que o mundo é propriamente representação do sujeito.

A vivência humana é demonstrada na relação subjetiva que o sujeito detém com o mundo, a qual torna inegável o fato de que tudo o que é experienciado no campo cognoscível consiste em meras representações. A utilização da expressão “mera representação” tem o intuito de fornecer a compreensão de que determinada visão de um objeto não pode ser caracterizada como universal, o objeto visado valendo-se das categorias inatas não possui uma forma aparente única para qualquer que seja o indivíduo que o observa, ao contrário, a percepção e o conhecimento apreendidos mediante o visar de um objeto terão compreensão singular e exclusiva por cada indivíduo, pois sua existência está relacionada ao saber que o sujeito possui de que aquele objeto existe uma vez que já foi percebido por seus sentidos. A saber, afirmamos o mundo como mera representação à proporção que ele é percebido por cada sujeito mediante formas, ângulos e situações distintas e únicas. Correlato do mundo é a subjetividade presente em cada ser que conhece.

Isso significa ao indivíduo a utilização do entendimento e da razão no campo empírico, os quais podem ser vistos como ferramentas que auxiliam na compreensão dos objetos representáveis cognoscitivamente a fim de identificá-los e organizá-los em decorrência da experiência individual. Entretanto, vale destacar que tanto o entendimento quanto a razão possuem limitações no quesito do acesso à essência última dos objetos, da realidade. Desse modo, no momento, o mundo consiste na mera representação do sujeito,

pois:

“O mundo é minha representação”: — esta é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida a abstrata, e se de fato o faz, então nele surge a clarividência filosófica. Torna-se-lhe claro e certo que não conhece Sol algum nem Terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um Sol, uma mão que toca uma Terra; que o mundo existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa, que é ele mesmo. — Se alguma verdade pode ser expressa *a priori*, é essa; pois é a enunciação da forma de toda experiência possível e imaginável, mais universal que qualquer outras forma, mais universal que tempo, espaço e causalidade, pois todas estas já a pressupõem; e se cada uma destas formas, conhecidas por nós como figuras particulares do princípio de razão valem para uma classe específica de representações, já a divisão em sujeito e objeto, ao contrário, é a forma comum de toda as classes, unicamente sob a qual é em geral possível pensar qualquer tipo de representação, abstrata ou intuitiva, pura ou empírica. Verdade alguma é [...] mais certa, mais independente de todas as outras e menos necessitada de uma prova do que esta: o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro, é// apenas objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, representação (SCHOPENHAUER, 2015, p. 3).

Portanto, Schopenhauer estabelece a ideia central justamente ao inaugurar a escrita de sua obra: a existência do mundo à medida em que é percebido por um sujeito. O conhecimento é filtrado através da mente, a qual concebe uma construção mental do mundo observado, tal como uma representação subjetiva. Cada sujeito constrói uma representação mental única que foi captada diretamente por seus sentidos e intelectualizada. Ainda, a compreensão schopenhaueriana é esclarecida pelo comentador Rüdiger Safranski na obra *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia* (2011) ao dizer que:

Quando vemos alguma coisa, o único objeto imediato são os dados sensíveis produzidos pela estimulação da retina ocular e nada mais. Vemos, tocamos e escutamos os corpos existentes no espaço porque interpretamos os dados sensoriais captados por nosso próprio corpo como um efeito para o qual buscamos instintivamente a causa inicial que, a seguir, nós mesmos projetaremos no espaço. É esta atividade de representação elementar que realmente conduz, segundo afirmou Schopenhauer, ao entendimento (*Verstand*). O ato do entendimento nos chega primeiro através da contemplação completa dos objetos externos por intermédio dos sentidos materiais e somente se converte em objeto de nossa representação por meio deste ato de entendimento do mundo perceptível. Neste sentido, também os animais possuem “entendimento”, na medida em que também eles são capazes de perceber um mundo objetivo fora de si mesmos (SAFRANSKI, 2011, p. 281).

Como observado na passagem de Safranski, podemos considerar que Schopenhauer atribui um colorido à valorização sensorial. Esse olhar valorativo pode ser explicado pela dependência da razão ao entendimento, por ela ser determinada pelas categorias tempo, espaço e causalidade percebidos e captados intuitivamente através dos sentidos empíricos, de forma sensorial diante do objeto percebido/visto. Ou seja, a intuição pela captação sensorial dos dados cognoscíveis realiza-se primeiro, de maneira anterior ao entendimento e a razão, funcionando como via de acesso para o conhecimento imediato do mundo, antecedendo a



atividade da razão e prescindindo da prévia de mediação conceitual para a assimilação da representação.

Aqui Safranski cunha a expressão “atividade de representação elementar” para referir-se à intuição tratada como capacidade básica de perceber e representar objetos do mundo dispostos ao redor do sujeito que representa. Por conseguinte, a atividade de representação elementar é exaltada na filosofia schopenhaueriana a medida em que é identificada como precursora do entendimento (Verstand) para que o intelecto possa formular conceitos. Sendo assim, o ato do entender chega ao sujeito através da contemplação, a visualização completa das representações externas ocorrida por intermédio dos sentidos, para só posteriormente converter-se em construções mentais, em outras palavras, o que é percebido pelos sentidos materiais é convertido em representações mentais mais complexas através do processo de entendimento dentro do espaço, do tempo e da série de relações causais.

Em segunda análise, mediante a exposição de Safranski ao elaborar que os animais também possuem entendimento, possibilita a retomada da citação de Schopenhauer vista anteriormente, segundo a qual o mundo por ser representação do ser que observa, é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece. De tal modo, podemos aferir caráter universal a filosofia schopenhaueriana, uma vez que o filósofo profere a denominação “cada ser que vive” ao tratar do mundo como representação de quem representa. Ou seja, é direcionada tanto aos homens quanto a outros seres vivos a capacidade de intuição. É tornado possível argumentar que tal capacidade não está restrita aos seres humanos, mas estendida aos demais seres. Como visto, assim como os humanos, os diversos outros animais também são capazes de perceber um mundo objetivo fora de si mesmos, entretanto, Schopenhauer atribui um fator de diferenciação entre eles: o lado racional.

Portanto, o entendimento enquanto capacidade de intuir o mundo exterior existe em todos os seres, logo, nos demais animais além do homem. No entanto, essa capacidade é considerada rudimentar em comparação à faculdade humana, pois como explica Schopenhauer, o entendimento nos animais é limitado fazendo com que eles detenham apenas uma básica noção do ambiente ao seu redor, condicionando a noção ao estado limitado à satisfação de necessidades imediatas. Ademais, a ausência de razão atribuída aos animais é marcada pela incapacidade de formularem conceitos abstratos ou realizarem raciocínios lógicos equiparados aos dos homens.

A fim de promover clareza sobre a compreensão do exposto podemos observar um animal predador, mais especificamente uma águia topo da cadeia alimentar que, ao caçar sua presa, demonstra a capacidade de intuição mediante as categorias espaciais, temporais e

causais ao perceber o ambiente em que está situada e onde encontra-se sua presa. Dessa forma, a intuição a auxilia a perceber o ambiente, identificar a presa, espreitar e agir conforme seus instintos de sobrevivência. Tal intuição da águia está limitada à necessidade alimentícia para manter sua existência. Consequentemente, a execução de um ataque ou satisfação de outra necessidade torna-se automática, ausente de reflexão ou análise moral por parte do predador, já que este não é dotado da capacidade de pensar conceitualmente e nem de raciocinar tal como os seres humanos.

A referida situação pode ser observada em qualquer outro animal existente no mundo, o qual cederá a seus instintos primitivos e básicos compreendidos através do entendimento elementar. Nesse sentido, o animal é o ser que intuirá suas próprias representações e objetos no mundo e, reagirá a eles de forma mais direta, estando predominantemente focado na satisfação imediata, ou seja, o entendimento do animal é orientado para a autopreservação e a busca imediata por comida, abrigo e reprodução, enquanto a faculdade humana de entendimento também é intuitiva, porém concebe conceituação racional após o ato de intuição, ainda que ao satisfazer necessidades básicas.

Como observado até o momento, o mundo foi exposto como representação do sujeito que o representa intuindo mediante os próprios sentidos, existindo apenas para ele. Tal abordagem foi realizada em decorrência do pensamento de Schopenhauer, uma vez que a primeira compreensão do sistema filosófico schopenhaueriano, ao partirmos do livro, deve ser feita partindo-se do mundo como representação, o lado cognoscível, sendo abstraídas as perguntas relacionadas ao “o quê” está por trás das meras representações.

[...] portanto neste primeiro livro, é necessário considerar firmemente o lado do mundo do qual partimos, o lado da cognoscibilidade, e, por conseguinte, considerar sem resistência todos os objetos existentes, até mesmo o próprio corpo, apenas como representações, e não designá-los de outro modo senão simples representações. Aquilo do que se faz aqui abstração, como espero que mais tarde se tornará certo a cada um, é sempre a VONTADE, única que constitui o outro lado do mundo. Pois assim como este é, de um lado, inteiramente representação, é, de outro, inteiramente Vontade (SCHOPENHAUER, 2015, p. 5).

Nessa passagem revela-se um outro mundo além do representativo. É percebido que o mundo fenomênico sempre deve alguma explicação que escapa da argumentação lógica racional, incapaz de ser explicado mediante conceituações pautadas no racional. A razão necessita da intuição e somente consegue explicar o porquê até determinado ponto, mas não é suficiente para explicar o *em-si* das representações, por isso torna-se secundária, aí é encontrado o erro de Kant. Em outros termos, para ser realizada a intelecção da realidade por meio do princípio de razão do devir, em primeiro lugar o ser deve estar diante do objeto — de

maneira corpórea, empiricamente — para em seguida efetuar a compreensão acerca dele. Por isso, de acordo com Barboza (2003, p. 27) “[...] A faculdade racional, portanto, [...] é secundária. Ela só pode dar conceitos depois de ter recebido intuições”. Logo, o conhecimento advindo dos objetos postos nessa realidade empírica através da intelecção e razão nunca será o verdadeiro conhecimento da realidade e dos objetos *em-si*, uma vez que a razão é limitada:

Tempo, espaço e causalidade não são determinações da coisa-em-si, mas pertencem apenas ao seu fenômeno, pois são meras formas de nosso conhecimento. Ora, como toda pluralidade, nascer e perecer só são possíveis por meio de tempo, espaço e causalidade, segue-se que estas formas cabem exclusivamente ao fenômeno, de modo algum à coisa-em-si. E, como o nosso conhecimento é condicionado por tais formas, a experiência inteira é apenas conhecimento do fenômeno, não da coisa-em-si: por conseguinte, as leis do fenômeno não podem ser válidas para esta. O que foi dito se estende ao nosso próprio eu, e o conhecemos apenas como fenômeno, não segundo o que possa ser sem si (SCHOPENHAUER, 2015, p. 197, § 31).

Da mesma forma que o mundo não pode ser conhecido verdadeiramente por meio do racional, tão pouco pode ser explicado em sua essência última pelo princípio da causalidade, visto que a causalidade propicia um eterno ciclo causal sem uma causa final, ou seja, a relação sujeito e mundo enquanto objeto representável não pode ser reduzida a uma dependência causal, pois como tudo é representação, inclusive o corpo, evidencia-se que há algo além que faz com que o mundo seja apenas representações turvas e plurais de algo. Assim, o comentador elabora sobre a insuficiência da razão e da causalidade:

As questões versando sobre a razão do conhecimento são encerradas de cada vez que podemos lhes assinalar uma razão. Mas quando indagamos sobre a razão do acontecer, a questão é bem diferente. No que se refere a esta última, o que rege é o princípio da causalidade. Este princípio não nos permite qualquer suspensão, muito menos um encerramento: toda causa que identificarmos pode ser considerada como o efeito de outra causa e assim até o infinito. Não existe uma causa final para a compreensão do âmbito dos objetos observáveis (SAFRANSKI, 2011, p. 283)

Sob esse viés, Schopenhauer se pergunta e desvenda o “o quê está por trás desses fenômenos, dessas ações e representações?” em oposição ao “por que as coisas acontecem assim?”. O mundo é complexo, plural e multifacetado, existindo como reflexo da Vontade, do sujeito interessado em conhecer. Mas, visto que tudo é representação, Schopenhauer indaga o que há para além. E encontra a sua resposta na Vontade.

Eles buscavam o porquê, ao invés de considerarem o quê; eles aspiravam ao distante, ao invés de captarem o que lhes ficava mais próximo; eles saíam em todas as direções, ao invés de voltarem-se para si mesmos, o único lugar em que todos os enigmas encontram algum tipo de solução (SCHOPENHAUER, 1804-1818, p. 291).

Logo, Schopenhauer concorda que, de fato, a essência jamais será alcançada por meio da razão, pois essa demonstra-se insuficiente para tal ato e é considerada secundária em detrimento de um outro princípio, considerado inconsciente e irracional, cunhado pelo filósofo de Danzig de forma irreverente e inédita; a Vontade. Portanto, de acordo com o pesquisador brasileiro Jair Barboza:

Schopenhauer distancia-se da tradição, ao atribuir uma inédita primazia do querer em face do intelecto. O princípio do mundo não é o entendimento, ou a razão, ou uma possível substância pensante, mas o *irracional*, cego e inconsciente, identificado com a Vontade de vida. Esta o em-si, o que há de mais íntimo no mundo. A pluralidade dos fenômenos empíricos não passa de sua manifestação dada no espaço, no tempo e na causalidade, formas puras *a priori* da consciência, enquanto a Vontade em si mesma é una, indivisa, presente tanto em um carvalho quanto em um milhão deles (BARBOZA, 2003, p. 7).

Como dito pelo ilustre filósofo no apêndice mencionado anteriormente, já havia esclarecido que iria de encontro à doutrina, não obstante mantendo respeito pelo filósofo Kant. Ao nos referirmos à doutrina, podemos compreender tanto a doutrina transcendental kantiana — à medida que explora seus erros referentes ao *em-si* e ao fato de Kant não ter separado apropriadamente o conhecimento intuitivo do conhecimento abstrato — quanto a doutrina idealista alemã de Fichte, Hegel e Schelling que acreditava haver superado a filosofia kantiana, assim como observado por Safranski (2011, p. 279) “com seu ‘retorno a Kant’, Schopenhauer se contrapunha à corrente filosófica dominante [...]”. Nesse momento, a Vontade surge na filosofia schopenhaueriana como o outro lado, o outro mundo. O princípio que se fazia abstração torna-se explícito e explicado, a realidade do mundo é encontrada. Toda a existência tem o seu “o quê” desvendado, toda a existência, inclusive o sujeito, consiste como objetivação do princípio superior de Vontade, a verdadeira essência.

Meus desacordos em relação a Kant, e que são encontrados em minha obra, só posso justificá-los inteiramente pelo fato de nos mesmos pontos eu o acusar de erro, descobrindo as falhas que ele cometeu. Eis por que neste apêndice tenho realmente de proceder polemicamente contra Kant e, em verdade, com seriedade e com todo empenho: pois somente assim pode ocorrer que o erro, aderido à doutrina de Kant, seja removido, e a verdade dela brilhe tanto mais clara e se mantenha tanto mais firme. Por isso não se deve esperar que minha veneração por Kant, decerto profundamente sentida, também se estenda às suas fraquezas e erros, e por conseguinte eu não deva descobri-los, senão com a mais cautelosa indulgência; mas com isso minha exposição, através de evasivas, se tornaria fraca e desbotada. (SCHOPENHAUER, 2015, p. 483).

Desse modo, é iniciada a filosofia da Vontade marcada pelo *irracional*. Schopenhauer desempenha árduos estudos e proposituras a partir das falhas encontradas no kantismo. Na citação, em primeiro lugar, ao referir-se pelo desejo de remover o erro da doutrina e fazer com que a verdade dela brilhe, evidencia a aceitação do sujeito que representa

o mundo — sendo o mundo dado como objetivações da Vontade uma vez que Ela compõe, de forma a não comportar exceções, todos os objetos, seres e representações existentes; assim, onde houver Vontade, haverá vida — e recusa o caminho da consagrada tradição de pensamento que postula um princípio racional de mundo e sua questão do não atingimento da essência.

Em sequência, em segundo momento, para remover esse erro, Schopenhauer determina a Vontade como princípio superior à capacidade de razão, já que o mundo é objetivação Dela e o conhecimento da essência por meio do insuficiente princípio de razão é inviável, uma vez que a razão não existe puramente pois necessita primeiro da captação sensorial dos dados empíricos através da intuição para sua posterior intelecção e compreensão conceituada, e adiante, como será explicado, apesar da Vontade ser una e essencial a tudo, ela apresenta um conflito em si, conforme acentua Barboza (2003, p. 8): Ela é intrinsecamente uma discórdia consigo mesma, o que a faz cravar os dentes na própria carne. Nesse sentido, por ser seu espelho, a natureza exhibe desavenças em toda parte, logo, discórdia, a luta, sofrimento”. A Vontade é considerada o "espelho do mundo" na filosofia schopenhaueriana porque ela é a força subjacente que se manifesta na diversidade e na multiplicidade do mundo. A presença de desavenças, discórdias, lutas e sofrimento na natureza é vista como uma expressão direta da natureza cega e incessante da Vontade, que busca a autoafirmação e a satisfação individual em um mundo onde os recursos são limitados. Ou seja, o mundo possui essência obscura e irracional sedenta por existência e em decorrência do processo de objetivação dessa essência às representações empíricas, afirma a própria vida, pois:

[...] sai gradativamente de sua cegueira originária, tornando-se natureza visível. Aparecem com isso os reinos inorgânico, vegetal e animal. O querer tende à vida desde as mais elementares formações até as mais complexas. [...] A vida quer viver [...] Estágios cada vez mais elevados e complexos da natureza revelam formas de vida variadas. Porém, o querer dentro delas é um só. A Vontade está tanto na pedra que cai quanto na força que solidifica o cristal de gelo [...]. Enfim, no cosmo inteiro. O mundo é a manifestação, a visibilidade, o espelho da Vontade (BARBOZA, 2003, p. 34).

Consoante a transição desse processo, ou seja, torna-se natureza visível, gera em si mesma um movimento conflituoso que é desdobrado na vontade individual, também caracterizada como ímpeto cego que impede o indivíduo de enxergar sua condição enquanto representação. De tal modo, impele o ser querente a uma perspectiva limitada do mundo ao focar em sua subjetividade, satisfação de prazeres e necessidades individuais e imediatas em detrimento da compreensão da natureza ilusória diante de si representada pelas representações em graus objetivados da Vontade, mas não sendo a Vontade em si, a essência de tudo, mas

meras representações perante um sujeito que representa para si — de forma universal e subjetiva — o mundo.

Essa limitação de visualizar apenas o que é interessante ao próprio indivíduo, Schopenhauer argumenta ser a vontade individual. A qual consiste na força motriz subjacente a todos os seres, sendo a fonte de desejos e impulsos voltados para o Eu. Caracterizada por superar o princípio de razão e o colocar em segundo plano, porque no embate entre racional e irracional, os impulsos irracionais são tidos como incessantes e incansáveis, insistindo infinitamente para a concretização de suas vontades face à razão; ao contrário dela, a razão, que não é demonstrada e exteriorizada como uma força imparável por sua sede de saciação, mas persuadida e esgotável pelo cansaço frente a esse ímpeto cego e voraz.

A razão, segundo afirma Schopenhauer, não faz nada mais e nada menos do que reunir e conservar as representações e intuítos em conceitos, ou “representações de representações” (*Vorstellungen von Vorstellungen*), estabelecendo combinações entre tais “Conceitos” (*Begriffen*) como se fossem simples abreviaturas. A razão soletra (*buchstabiert*) com o alfabeto que lhe é proporcionado pela percepção intelectual. Sem esta base, a razão permaneceria vazia e incapaz de produzir coisa alguma. Esta proposição significava, no sentido prático, uma verdadeira provocação ao mundo intelectual, em uma época da qual se esperava tudo da “razão” (*Vernunft*): que demonstrasse um “poder sobre a Natureza” (segundo Schelling), um “poder sobre a história” (conforme a concepção de Hegel), um “poder sobre a moralidade” (de acordo com Fichte). (SAFRANSKI, 2011, p. 282).

Com isso, o princípio de razão torna-se secundário e desvalorizado à medida que necessita, em primeiro lugar, da percepção e está subordinado à vontade por ser incapaz de controlá-la diante da insaciabilidade agressiva dos impulsos e desejos do sujeito. A faculdade da razão sustenta-se como capacidade inerente ao ser humano, propondo-o a realizar construções mentais complexas e conceituações dos dados apreendidos. Dessa forma, a capacidade de compreender e conceituar racionalmente encontra-se dependente da intuição sensível das representações no mundo cognoscível advinda dos sentidos. Mediante esse processo a razão é vista intrinsecamente ligada à experiência sensorial. Explicamos que o princípio de razão por estar alinhado com as categorias espaciais, temporais e causais, consegue conceituar apenas as objetivações presentes nas respectivas estruturas citadas (espaço, tempo e causa), sendo o princípio de Vontade isento de tais categorias, portanto, fora do domínio espacial, temporal e causal abrangido pela razão.

O princípio de razão, segundo Schopenhauer, opera dentro das categorias mencionadas e está intrinsecamente vinculado à nossa percepção do mundo fenomênico. Ele não é capaz de alcançar ou explicar a natureza essencial da realidade porque está condicionado por essas categorias que são formas da intuição que moldam a nossa experiência

do mundo, mas não revelam a essência última da existência, visto que o tempo é a imagem móvel da eternidade, e a Vontade em sua essência tem como característica o universal e eterno. Portanto, é necessário reforçar a insuficiência do princípio de razão relacionada à incapacidade de alcançar o *em-si* transcendental, já que ela não opera além das categorias encontradas no presente contínuo.

Sob esse viés, faz-se indubitável a compreensão schopenhaueriana acerca do rebaixamento da razão/inteligência/racional a uma nova força primordial e superior que adentra na concepção filosófica alemã, a vontade irracional coroada no mais alto patamar. A Vontade é imutável e perpétua a qual assolará os seres até o repouso eterno, pois não é atingida por transformações e enfraquecimentos decorrentes das formas de espaço, tempo e causalidade. Ademais, o cunhado princípio ilustra o querer como força imanente ao indivíduo, ausente da necessidade de primeiramente ser conhecido, aprendido ou conceituado, mas puramente inerente à natureza e existência.

A inteligência e o conhecimento humano estão sujeitos à evolução e ao aprimoramento, contudo ainda não seriam capazes de progredir frente à Vontade, tornando-se superiores como força primordial dotada do controle das ações realizadas pelos indivíduos, sendo o “o quê” por trás de toda decisão. Assim, é factível a compreensão de que dado o direito de escolha, a crença da escolha racional ter “vencido” trata-se apenas de uma ilusão, uma falsa aparência, quando na realidade o motivo mais forte fatalmente vence, logo, referindo-se aos impulsos vorazes.

Adiante, acreditar na razão aos praticar atos do querer pode ser concebido como uma enganação de si que o sujeito exerce na tentativa de acreditar ter o poder sobre a natureza e estar no controle da situação, demonstrando cega recusa à decisões veementemente dominadas pelo irracional, por sua vontade subjetiva, tentando fundamentar um processo ilusório de tomada de decisão baseado no racional. Ou seja, a razão como princípio do mundo continua como secundária, enquanto o princípio irracional sendo o “o quê” por trás de todo o agir e movimentação de tomada de decisões permanece superior como descoberta inédita do filósofo, “daí a decidida orientação ao que é intuitivo, sendo a impressão deste conhecimento tão enérgica que ofusca os conceitos incolores, o agir não sendo mais orientado por tais conceitos, mas por aquela impressão, tornando-se assim irracional” (Schopenhauer, 2015, p. 218, § 36). Conforme observado, a razão na filosofia schopenhaueriana não é supervalorizada como prezavam seus antecessores. Ocorre, então, a primazia de postular o irracional — a Vontade.

[...] o “interesse” mencionado não surge do conhecimento, mas é seu precedente e isto nos abre uma dimensão de conhecimento inteiramente diversa. “O que é esse mundo intuitivo, além de ser minha representação?” indagou Schopenhauer e nos deu imediatamente a resposta, que de fato também já conhecíamos: a “Vontade” (SAFRANSKI, 2011, p. 382).

Como visto, Safranski concebe o fundamental para o entendimento e desenvolvimento que a Metafísica da Vontade Schopenhaueriana tem: o surgimento do interesse particular, o desejo subjetivo de cada indivíduo guiado pela Vontade. As ações do interesse particular são realizadas por meio da ação do corpo, sendo ato da vontade objetivado, o sujeito conhece parte de sua vontade nos atos isolados do corpo.

Aprofundamos a questão do interesse no devir ao dizermos que ele é guiado antes de tudo pela Vontade, Ela se apresenta anterior ao conhecimento. Significa dizer que a Vontade para Schopenhauer é o princípio que rege absolutamente tudo o que há no mundo intuitivo. Todos os homens, animais, seres vivos, plantas, objetos e demais coisas no universo, sem exceção, estão submetidas e vinculadas à terem vontades com finalidades de atingirem suas particularidades e objetivos. O interesse, desejo e querer, são vistos como vontade pulsante e inquietante presente universalmente em todas as ações, que nascem a partir da Vontade tida como a essência de todas as coisas do mundo.

À medida que a questão das vontades — essas consideradas individuais — em virtude da Vontade — considerada essência íntima do mundo — é aprofundada, o estudo do pensamento schopenhaueriano em relação ao corpo é visto como necessário para adequado entendimento da obra. Assim, Schopenhauer estabelece a dupla perspectiva sobre o corpo:

Dado de duas maneiras completamente diferentes: uma vez como representação na intuição do entendimento, como objeto entre objetos e submetido às leis destes; outra vez de maneira completamente outra, a saber, como aquilo conhecido imediatamente por cada um e indicado pela palavra VONTADE (SCHOPENHAUER, 2015, p. 117, § 18).

Ou seja, postula o corpo expresso de dois modos ao argumentar em seu sistema filosófico que o corpo é tanto uma representação dentre diversas outras representações no mundo, que pode ser intuído subjetivamente por diversos indivíduos e se faz dominado por querer; quanto concretude da Vontade, isto é, o corpo faz parte do todo regido pela Vontade enquanto representação, tal como é simultaneamente expressão concreta da *coisa-em-si*, pois é a forma pela qual a Vontade se torna visível e tangível no mundo fenomênico, por ser expressão direta da Vontade ausente de mediações. Por isso, há a caracterização da vontade individual como desdobramento da Vontade fundamental, uma vez que o corpo atua como um instrumento através do qual a Vontade visa satisfazer seus desejos e impulsos. Dessa forma, as



ações, escolhas e expressões da vontade particular, acontecem por meio do corpo vinculado à essência, ligado e inserido no mundo como representação.

[...] possuímos um interior essencialmente volitivo, raiz de nossa existência. Somos essencialmente seres que querem, não importa o quê: somos desejo infinito, finitamente corporificado.

Todo ato da Vontade é ação do corpo: ambos são uma única e mesma coisa, dados de duas maneiras diferentes, uma vez imediatamente, outra na intuição do entendimento. Todo ato verdadeiro e imediato da Vontade é num só lance ação do corpo, e toda ação sobre o corpo é num só lance abalo da Vontade. Eis por que o corpo pode ser denominado concreção do querer. Querer e corpo são unos ou, ademais de ser representação, o corpo é Vontade (BARBOZA, 2003, p. 31).

O corpo, portanto, desempenha um papel fundamental na manifestação dos desejos. O interesse no devir é guiado principalmente pelo íntimo do corpo, a vontade, anterior ao conhecimento da representação. A vontade coordena a ação da existência, da forma que cada decisão é um ato volitivo originário dessa essência pulsante que habita e se faz presente em cada centímetro da realidade. O corpo e seu agir juntamente com a vontade estão intrinsecamente ligados para a formação da concreção do querer, do agir para satisfazer os desejos voluptuosos do corpo querente.

Somente o próprio corpo constitui aquela realidade que não recebo apenas como representação, mas que eu também sou. Contudo, uma vez que também sou capaz de “representar” (*vorstellend verhalten*) meu próprio corpo, a consequência é que meu próprio corpo me é dado de duas maneiras [...] (SAFRANSKI, 2011, p. 383).

Corroborando a dupla observação feita sobre o corpo, o corpo é referido enquanto forma: fenomênica, como objeto representável por ser constituído de Vontade e estar disposto em um mundo cognoscível onde outros sujeitos o podem intuir; subjetividade corporificada, ao se comportar como veículo direto da manifestação da Vontade, não existindo apenas como objeto externo, mas como imediatidade da Vontade — a imediatidade age subjetivamente em cada indivíduo, manifestando ações e satisfazendo desejos particulares, como condição universal de conhecimento juntamente com a subjetividade volitiva. De tal modo, chega-se à conclusão proclamada por Schopenhauer: “O mundo é minha vontade”. Tudo o que existe é realização da Vontade.

O corpo é tido como Vontade expressa tornada visível; as representações que o sujeito intui são expressões visíveis da Vontade; o próprio entendimento e a razão estão subordinados ao irracional e são incapazes de esclarecer o em-si; o ser humano é um ser desejante e os impulsos e a vontade individual também possuem como essência a Vontade fundamental.

Logo, ao mesmo tempo que o mundo é toda representação, ele é toda vontade particular e simultaneamente Vontade. Ao ser constatado tal propositura na filosofia schopenhaueriana, como dito por Barboza anteriormente, surgirá o movimento de discórdia em si mesma. Visto que, por ser a vontade individual uma manifestação específica da Vontade em um corpo particular, os desejos e aspirações do indivíduo são, em última instância, expressões da Vontade em sua forma individualizada, isso faz com que a Vontade crave os dentes em si mesma à medida em que a vontade de cada indivíduo o cega mediante desejos e aspirações expressos pela Vontade, inserindo o ser humano em um ciclo contínuo e exaustivo de querer mais e mais alcançar objetivos e saciar desejos.

Eis por que em toda parte se vê conflito, lutas todos contra todos, em especial no reino animal, onde quem não devora é devorado, quem não assimila é assimilado. Entre os seres humanos vale o “o homem é o lobo do homem”. Tal conflito, no limite, espelha a “autodiscórdia” essencial do querer-viver consigo mesmo, que, em sua cega e impetuosa fome de existência, crava os dentes na própria carne, pois nada existe de exterior a ela. Por isso se vê no mundo inteiro caça, angústia e sofrimento (BARBOZA, 2003, p. 36).

Segundo a filosofia schopenhaueriana, o ser humano como um ser intrinsecamente desejanter. O qual irá desejar, sentir a necessidade de satisfazer seus prazeres pessoais, sofrer, frustrar-se, conflitar com a natureza e com seus semelhantes por toda a finitude de sua vida, nunca alcançando a máxima satisfação por meio da realização das idealizadas vontades e querereres.

No interior da natureza Dela, há o dissentimento consigo mesma, o qual torna explícito a natureza contraditória e conflituosa da Vontade, justamente por encontrar contradições internas na busca por expressar-se — uma vez que as vontades dos homens competem umas com as outras na tentativa exclusiva de sua satisfação, disputando incessantemente a dominação do outro para sobrevivência própria. A Vontade, ao tentar objetivar-se em desejos no plano fenomênico, muda constantemente e abarca os homens, os quais assim como os animais ao lograrem a sua existência pela supressão de outro animal, ou seja, na luta constante pela sobrevivência humana e satisfação dos prazeres humanos toda forma de conquistá-las e saciá-las, ainda que seja por meio da supressão de uma vida semelhante, são vistas como válidas para o atingimento do fim desejado. Portanto, é trazido à luz a negatividade da Vontade por gerar egoísmo, sofrimento, angústia e miséria.

A satisfação momentânea de um desejo ou de várias outras necessidades não resultará na vida plena e alegre do indivíduo. Ao contrário, após a breve satisfação do querer, surge outro para ocupar seu lugar.

o fim último do querer; porém, assim que são alcançados, não mais se parecem os mesmos e, portanto, logo são esquecidos, tornam-se caducos e, propriamente dizendo, embora não se admita, são sempre postos de lado como ilusões desfeitas (SCHOPENHAUER, 2015, p. 190, § 29).

O querer é a força motriz subjacente que pulsa no interior de cada ser, levando-o a escolhas finalísticas imediatas para supressão e satisfação do que lhe falta, mas tal desejo aparentemente saciado é apenas vão, tão logo esquecida a saciedade e posta de lado sua conquista, dando espaço à sede de algo mais. O ser dotado de vontade na filosofia de Arthur Schopenhauer é descrito como desejante, querente, ganancioso, egoísta e individualista.

Mesmo a satisfação final é apenas aparente: o desejo satisfeito logo dá lugar a um novo: aquele é um erro conhecido, este um erro ainda desconhecido. Objeto algum alcançado pelo querer pode fornecer uma satisfação duradoura, sem fim, mas ela se assemelha sempre apenas a uma esmola atirada ao mendigo, que torna sua vida menos miserável hoje, para prolongar seu tormento amanhã (SCHOPENHAUER, 2015, p. 226, § 38).

É afirmado o aporte significativo da filosofia schopenhaueriana às correntes que surgirão, tais como as filosofias da vontade e o próprio surgimento da psicanálise, ao tratar da importância da vontade, a voz do inconsciente humano, o sofrimento e questões da individualidade.

Portanto, o desvencilhamento referente ao princípio de razão que Schopenhauer origina no mundo filosófico contemporâneo e a iluminação ao irracional dotado de primor, começará a ser escutado, perpetuado e debatido nos anos finais de sua vida, visto o teor radical que sua filosofia preceitua ao conceder primor a um princípio externo ao controle racional dominante do homem, antes tão ausente e inócuo, no sentido de significância filosófica, na formulação de pensamentos e saberes. Como referenciado por Safranski ao evocar tal trecho encontrado nos cadernos de apontamentos de Schopenhauer:

Ao seguirem o princípio da razão (que nos ilude como um duende de quatro rostos que segue andando sempre em frente sem aguardar por nós) eles esperam (isto é, os homens) encontrar satisfação no conhecimento e felicidade através da vida, enquanto marcham confiantes atrás de seu guia ardiloso; desta maneira, eles se assemelham a crianças que correm em direção à linha do horizonte na esperança de poderem finalmente tocar as nuvens; mas, de um modo geral, conseguem tanto sucesso como esses outros que giram as mãos ao redor de uma esfera, abrangendo todas as direções na esperança de finalmente poderem atingir o seu centro; ou ainda são como um esquilo que corre ao redor de si mesmo (ou um cão que tenta morder seu próprio rabo). [...] Esta maneira de tratar a vida nos parece em tudo semelhante a uma linha que avança incessantemente em sentido horizontal; contudo, podemos encarar a vida de uma segunda forma, como uma linha vertical que tem a capacidade de cortar a horizontal e abandoná-la em qualquer ponto de seu traçado (SCHOPENHAUER, 1804-1818 *apud* SAFRANSKI, 2011, p. 291).

A partir da vontade individual schopenhaueriana será conferido ao filósofo o caráter pessimista e trágico da vida, evidenciado pelo ciclo perpétuo de sofrimento ao içar a busca pelo caminho da satisfação plena ou, como intitulará; *a melhor consciência*.

É chegado o momento em que a vontade individual ocasiona o sofrimento devastador que assola a existência e perpetua a filosofia schopenhaueriana como pessimista. Tal conceito de sofrimento é observado como um desdobramento do eixo vital da filosofia schopenhaueriana, a Vontade; a qual é tratada como princípio elementar integrado, intrínseco e absoluto em todas as coisas, uma vez que se faz inerente à natureza tanto dos homens, quanto dos animais e das demais representações e fenômenos inanimados manifestados no mundo. Dessa forma, ao mesmo tempo em que o mundo é toda representação, ele é todo Vontade, sendo neste último aspecto que reside toda a sua infelicidade.

Todo movimento do corpo é tratado como concretude do querer guiado pela Vontade. Assim, há o avanço desenfreado pela incansável busca de conquistar, de ter, de comprar, de conseguir, desejar e deter um bem material específico ou desejar alcançar um patamar acadêmico/profissional, são, portanto, cenários que se fazem presentes no contexto social e que geram sofrimento, angústia e alienação frente ao ciclo necessário a ser realizado para saciar determinado desejo ou objetivo. Logo, a humanidade está inserida em um contexto de querer ter mais e mais a fim de garantir sua própria existência, pois o homem, segundo Schopenhauer, é um ser essencialmente desejante e busca aquilo que não tem.

Fica visível o conceito de pêndulo em Schopenhauer, ao ponto que desejar e sofrer são movimentos de oscilação entre desejar algo, sofrer no processo, se satisfazer momentaneamente ou frustrar-se, retornar ao estado de tédio até desejar algo novo, sempre proporcionado a partir das vontades. O homem, ao seguir a sua vontade individual sofrerá durante o percurso para alcançá-la, uma vez que parte do pressuposto de que se ele deseja algo, é porque não o tem, e todo o tempo e a incerteza da conclusão do desejo o gera temor e sofrimento. E mesmo assim, caso alcance o que desejava o momento de satisfação será passageiro, é apenas um alívio, uma felicidade fugaz que desaparece e cede lugar ao tédio, definido como o instante entre a breve satisfação de realização e o iminente desejo que aparecerá novamente devido a condição de ser desejante.

Em síntese, o mundo está submetido ao ímpeto cego e irracional que é a denominada Vontade, manifesta também nos homens. Ela faz com que os seres existentes sejam eternamente desejantes dentro da finitude da vida, são dotados de um querer pungente e incessante que não lhes dá tranquilidade, pois o movimento do mundo é a sede constante de saciar os interesses, e o percurso para saciá-los provoca sofrimento.

Até o momento, a existência é sofrimento, o devir dos seres é baseado no ciclo de desejos particulares, sofrimento para alcançá-los, satisfação momentânea ou frustração, tédio e novamente, o retorno ao início; desejos, sofrimento, satisfação momentânea e tédio, reduzindo a existência a um movimento pendular — o pêndulo da Vontade e o sofrimento. Os contornos de salvação tomam forma na transição para a metafísica de belo, onde Schopenhauer explica a necessidade da negação da vontade individual o ato de ser acometido e elevado ao ponto de alcançar desinteressadamente a contemplação estética.

A contemplação do belo é totalmente acessível ao plano empírico, o *em-si*, a essência não está situada em outra dimensão distante dos sentidos humanos, mas faz-se atingível dentro deste mundo. O momento de contemplação, Schopenhauer dirá, deve ser livre de interesses particulares e destituído de conceituações, se trata de uma contemplação a priori que propiciará a neutralização do sofrimento de forma mais duradoura, entretanto, não será permanente.

A percepção estética é visão imediata e direta, representação intuitiva pura na qual não intervém nem o entendimento nem a razão, sempre conceituais. O sujeito se perde no objeto da percepção. [...]. Deixa de se preocupar consigo mesmo como um objeto espaço-temporal, deixa de ver os objetos em relação com a vontade individual e se torna repentinamente “puro sujeito do conhecimento”, isto é, destituído de vontade. A subjetividade da consciência desaparece, a percepção se torna objetiva (DIAS, 1997, p. 13).

Em última instância, na filosofia schopenhaueriana ocorre a neutralização momentânea do sofrimento através do momento contemplativo das artes e da existência, totalmente destituído de Vontade iniciado no campo da intuição. A negação da Vontade permite o conhecimento mais imediato do *em-si* “[...] o sujeito ao contemplar a natureza de modo puro, pode fruir desinteressadamente o seu conteúdo. Nesse instante, tem acesso a um outro tipo de realidade, para além dos fenômenos” (BARBOZA, 2003, p. 38).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto neste artigo, com relação a filosofia schopenhaueriana da Vontade e seu desdobramento ao sofrimento, foi demonstrado a intrínseca relação entre todos os elementos centrais da obra, a saber, o mundo, as representações, o corpo, as vontades e o sofrimento. Além do desenvolvimento do mundo como representação em direção ao mundo como vontade desenrolar-se a partir das proposituras e oposições referentes a insuficiência do princípio de razão, o qual foi visto como incapaz de explicar a essência das representações, juntamente pela característica de ser submetida a força impetuosa irracional.

Os movimentos e ações do corpo humano foram entendidos como objetivações da Vontade manifestada em desejos individuais, sendo o sofrimento inerente à natureza da existência, uma vez que a Vontade crava os dentes em si mesma por ser irracional e dotada do querer incessante.

Portanto, ao ser explorada a relação pendular de Vontade e sofrimento é compreendida a possibilidade de uma breve supressão da vontade individual ser vislumbrada à proporção que o sujeito é transformado em um ser isento de desejos e egoísmo.

## REFERÊNCIAS

BARBOZA, J. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

DIAS, R. M. **A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em O nascimento da tragédia**. In: Cadernos Nietzsche, vol. 3, 1997.

SAFRANSKI, R. **Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia**. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — 2.ed. — São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, A. **Sobre a quádruplice raiz do princípio de razão suficiente**. Tradução e apresentação de Oswaldo Giacóia Jr. e Gabriel Valladão. Campinas: Editora Unicamp, 2019.